

DA SEMENTE À LIGNIFICAÇÃO: A AGRICULTURA COMO TECNOLOGIA DO FUTURO E FILOSOFIA DE VIDA

Ainor Francisco Lotério

Filho de agricultores, técnico agrícola, engenheiro agrônomo e extensionista rural. Criador da Agrosafia e autor em desenvolvimento da Agroteologia.

RESUMO

O artigo examina a agricultura em três planos articulados: como marco fundador da civilização, como campo de evolução técnica e científica, e como filosofia de vida. Sustenta-se que o gesto agrícola inaugurou a relação humana com o futuro, impondo a espera como disciplina, e que o itinerário biológico da semente até a lignificação oferece um modelo preciso de formação humana. Discute-se ainda o conceito de sustentabilidade a partir da sua raiz latina, sustentar por baixo, e propõe-se a leitura agrosófica segundo a qual o agricultor não faz crescer, mas remove impedimentos e oferece o que falta.

PALAVRAS-CHAVE: agricultura; sustentabilidade; Agrosafia; formação humana; extensão rural.

1 INTRODUÇÃO

Escrevo a partir de um lugar que não é apenas teórico. Sou filho de agricultores, formei-me técnico agrícola e depois engenheiro agrônomo, trabalhei longos anos como extensionista rural junto a famílias e comunidades, criei a Agrosafia como filosofia de vida que integra ciência agrônômica, sabedoria ancestral e espiritualidade, e desenvolvo atualmente a Agroteologia. Essa trajetória não é biografia decorativa: ela determina o modo como o objeto é aqui tratado. Quem cresceu vendo a lavoura decidir o destino da casa não consegue pensar a agricultura apenas como setor econômico. Ela é, antes disso, uma forma de estar no mundo.

O argumento se organiza em quatro movimentos: a origem da agricultura e a sua consequência civilizatória, a evolução técnica e os seus custos, o desafio contemporâneo da sustentação, e a leitura agrosófica do ciclo vegetal como modelo de formação humana.

2 A ORIGEM E A DOMESTICAÇÃO DO TEMPO

Há cerca de dez a doze mil anos, no período neolítico, populações humanas em regiões que não se comunicavam entre si realizaram o mesmo gesto improvável: guardaram grãos que poderiam ter consumido e os enterraram. O processo ocorreu de forma independente no Crescente Fértil, no vale do Indo, na China e nas Américas, com o cultivo de espécies pioneiras como o trigo e a cevada e com a domesticação de animais, permitindo

a fixação das primeiras aldeias.

A consequência mais profunda não foi alimentar, foi temporal. Quem coleta vive do presente e colhe o que já existe. Quem semeia precisa imaginar uma colheita inexistente e trabalhar por ela durante meses de incerteza. A agricultura foi, nesse sentido, a primeira tecnologia do futuro, e a espera foi a primeira disciplina que ela impôs à espécie. Do excedente armazenado nasceram a contagem e a escrita, a previsão das chuvas e o calendário, a liberação de parte da população para outras funções, a divisão do trabalho, a cidade e a civilização.

Convém reconhecer que a domesticação foi mútua. Seleccionamos o trigo e o trigo nos fixou ao solo, alongou jornadas, estreitou dietas e produziu a primeira desigualdade estrutural, porque onde há estoque há quem o guarde e quem o controle. A agricultura entregou o futuro à humanidade e, no mesmo ato, o encargo de administrá-lo.

3 A EVOLUÇÃO TÉCNICA E O SEU CUSTO

A evolução seguiu por acúmulo lento e por saltos. Na Idade Média, a rotação de culturas e o arado de ferro devolveram fertilidade a solos europeus exauridos, reconhecimento prático de que a terra precisa descansar e alternar exigências. A Revolução Industrial substituiu a tração animal pela mecânica e multiplicou a área manejável por trabalhador. No século vinte, a Revolução Verde combinou melhoramento genético vegetal, fertilizantes de síntese, defensivos e irrigação avançada, produzindo o maior aumento de oferta alimentar da história.

Esse ganho salvou centenas de milhões de vidas, e isso precisa ser dito antes de qualquer crítica. Também cobrou preço hoje mensurável: erosão e compactação de solos, contaminação e eutrofização de águas, perda de biodiversidade, dependência de insumos externos e esvaziamento das comunidades rurais. Nenhuma tecnologia é inocente e nenhuma é culpada isoladamente. O que decide o resultado é a intenção de quem a conduz e o horizonte de tempo que essa pessoa considera.

4 O DESAFIO CONTEMPORÂNEO: SUSTENTAR POR BAIXO

O desafio atual é alimentar uma população projetada em torno de dez bilhões de pessoas sem consumir o capital natural que sustenta a própria produção. As respostas em curso são mais convergentes do que a polarização sugere. A agricultura de precisão, com sensores, drones, imagens orbitais e aplicação em taxa variável, opera contra o desperdício: mede antes de aplicar e trata cada porção da área conforme a sua necessidade real. A agricultura regenerativa e a agroecologia deslocam o foco da planta para o solo, compreendido não como substrato inerte, mas como organismo vivo, com biomassa microbiana, associações micorrízicas, agregados estáveis e carbono. Plantio direto,

cobertura permanente, integração entre lavoura, pecuária e floresta, adubação verde e manejo biológico não constituem nostalgia, e sim engenharia de sistemas vivos.

A própria palavra sustentabilidade costuma ser mal compreendida, tomada como sinônimo de preservação. A raiz latina *sustinere* significa sustentar por baixo, segurar aquilo que se apoia sobre nós. Não se trata de manter o mundo intocado, e sim de garantir que a estrutura suporte o peso do que vem depois. Solo com carbono, água limpa, biodiversidade funcional, comunidade rural viva e juventude que enxergue futuro no campo são elementos de sustentação, não ornamentos do discurso.

5 A LEITURA AGROSÓFICA: DA DORMÊNCIA À LIGNIFICAÇÃO

Antes do despertar existe a dormência, o silêncio seco onde a água ainda não tocou a essência. No ventre da flor o rudimento se desenha, projeto infinitesimal que carrega em seu arranjo genético a matriz exata do que virá a ser. Depois o grão se faz semente, envolta em tegumentos protetores, cofre fechado que guarda o código ancestral da espécie e resiste às intempéries até que a umidade do solo rompa o véu da dormência e inaugure a embebição e a expansão celular. O broto ergue-se contra a gravidade e, ciclo após ciclo, as células depositam polímeros complexos nas paredes até que a lignina converta o caule verde e maleável em madeira sólida, capaz de enfrentar ventos e sustentar copas frondosas.

Esse itinerário é o mesmo da formação humana, e é aqui que a Agrosafia encontra a sua tese central. Há a fase de dormência, em que nada aparece e todos duvidam. Há o tegumento, essa carapaça que parece dureza e é defesa. Há a umidade na medida certa, que não é enxurrada nem seca, e que na vida das pessoas se chama oportunidade oferecida na hora exata. Há o broto frágil, que precisa de sustentação sem ser amarrado. E há a lignificação, firmeza adquirida lentamente que permite ao ser humano sustentar copa, resistir a vento e abrigar outros. Ninguém enrijece um filho, um sucessor ou um cooperado por decreto.

Daí decorre a humildade própria de quem trabalha com o vivo: o agricultor não faz a planta crescer. Ele remove o que impede o crescimento e oferece o que falta. É a mais antiga pedagogia do mundo e permanece a mais eficaz, seja no solo, seja na sucessão familiar, seja na formação de lideranças cooperativas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agricultura transforma duas vezes. Transforma a paisagem, a economia e a mesa. E transforma quem a pratica, porque impõe convivência com o que não se controla, obriga a decidir com informação incompleta, ensina que o erro custa safra e que o acerto custa preparo, e devolve todo dia a lição de que ninguém colhe fora do tempo. Há ainda um traço amoroso que nenhuma outra atividade humana carrega com igual clareza: quem planta uma

árvore trabalha por uma sombra na qual não se sentará. A agricultura é a mais antiga instituição da generosidade entre gerações, o exercício cotidiano de produzir para quem ainda não chegou. Entre a semente e a madeira existe um percurso que não aceita pressa, e nele está guardado quase tudo o que precisamos saber sobre solos, sobre empresas, sobre famílias e sobre nós mesmos.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*.

CARSON, Rachel. *Primavera silenciosa*.

DIAMOND, Jared. *Armas, germes e aço*.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*.

HOWARD, Albert. *Um testamento agrícola*.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Paixão pelo cooperativismo: linguagem essencial para estimular a participação*. Disponível em: www.loterio.com.br.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Agrosófia: filosofia de vida que integra agricultura, sabedoria e espiritualidade*. Disponível em: www.ainor.com.br.

PRIMAVESI, Ana. *Manejo ecológico do solo: a agricultura em regiões tropicais*.

Demais obras, artigos e postagens do autor estão reunidos nos portais www.loterio.com.br e www.ainor.com.br. Contato para palestras e cursos: ainorfloterio@gmail.com, WhatsApp (47) 99967-5010.